

---

# A **F**otografia como imagem, a **i**magem como fotografia

---

ANA TAÍS MARTINS PORTANOVA BARROS (ORG.)

## **A fotografia como imagem, a imagem como fotografia**

Livro do GP Fotografia Intercom

### *Comitê científico*

Ana Taís Martins Portanova Barros (PPGCOM/UFRGS)

José Afonso da Silva Júnior (PPGCOM/UFPE)

Paulo César Boni (PPGCOM/UEL)

Wagner Souza e Silva (PPGCOM/USP)



*Organização* Ana Taís Martins Portanova Barros

*Revisão, projeto gráfico, diagramação e capa* Anelise De Carli

*Foto de capa* Eduardo Queiroga

---

A fotografia como imagem, a imagem como fotografia  
[e-book] / organizadora: Ana Taís Martins Portanova  
Barros. – Porto Alegre: Imaginalis, 2019.

ISBN: 978-85-69699-05-7

1. Comunicação 2. Fotografia

I. Barros, Ana Taís Martins Portanova

CDD: 070

CDU: 69699

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografia

---

EDITORA  **IMAGINALIS**

1ª edição, 2019

[ufrgs.br/imaginalis](http://ufrgs.br/imaginalis)

Licença Creative Commons BY-NC

# Apresentação

As relações teóricas sobre fotografia e imagem têm sido ao mesmo tempo antagônicas e convergentes desde que a fotografia perturbou, ainda no final do século XIX, a concepção psicologista vigente até então ao adicionar a dimensão técnica e material àquela de imagem mental. Mais recentemente, os estudos da fotografia conheceram a passagem do paradigma da linguagem (anos 1970-1980, com as ferramentas da semiologia à frente) para o paradigma da imagem (a partir dos anos 1990). Hoje, as imagens fotográficas, no plural, são reconhecidas como também imagem, no singular. De Sartre a Foucault, passam-se dos ecos platônicos na compreensão da imagem como oposição à realidade para a imagem vista como um momento de paralisia da imaginação, uma imagem sem imaginação. Os estudos de Barthes sobre a fotografia, além de reconhecerem na imagem um fato psíquico (imagem mental), projetam-na também como fato social (já em *Mitologias*, mas sobretudo em *A Câmara Clara*). Hoje, reconhece-se na fotografia sua dimensão de imagem mental, que anima a representação material, sem se abandonar a ideia da foto como fato da percepção (ver) e fato social (ser olhada).

Nesse panorama, e para além da discussão sobre a dependência ou não da fotografia em relação ao texto, o GP Fotografia da Intercom, em um esforço conjunto de pesquisa, reúne nesse livro trabalhos nos quais a fotografia é meio principal de *mostrar e demonstrar resultados de pesquisa*, ou seja, como *imagem da pesquisa*. As imagens fotográficas realizadas pelos próprios autores são protagonistas desses trabalhos, expressando visualmente os achados da investigação.

O primeiro capítulo, *Olhai por nós: um ensaio teórico-fotográfico sobre a vida e a morte da imagem*, de Wagner Souza e Silva, se indaga justamente sobre a condição da fotografia, sua vida e morte como imagem, apresentando sugestivos dípticos em que imagens de destruição são olhadas por imagens sacras, constituindo autênticas meta-imagens, imagens que olham para as imagens.

A profunda conexão entre fotografia e finitude continua no capítulo 2 com o trabalho de Marcelo Barbalho, *Fotografia em estado latente: 'redenção poética' ou apenas a constatação de que aquilo que foi nunca mais será?*. A partir de um tocante projeto autobiográfico em que apresenta fotografias que fez de sua família, o autor trabalha com a hipótese de que a imagem fotográfica não só recorda o passado como sobretudo pode ser uma chave para tudo o que veio antes e depois de um acontecimento vivido.

Partindo diretamente do tema da morte e em seguida se concentrando sobre a relação entre público e privado, Isabella Chianca Bessa Ribeiro do Valle, em *Maria do Carmo: a dinâmica inacabável dos objetos infotografáveis*, apresenta um ensaio fotográfico que questiona a estética e a filosofia da imagem no capítulo 3.

A morte também é o catalisador do trabalho apresentado no capítulo 4, *Análise das imagens de #mariellepresente: memórias entre a dor e a esperança*, em que Fábio Goveia cria fotografias a partir de capturas de imagens compartilhadas nas redes sociais sobre o assassinato de Marielle Franco em março de 2018. Além de se debruçar sobre o problema da análise de grandes quantidades de imagens de uma só vez, esse trabalho, por sua forma, sublinha a reapropriação de fotografias como uma nova autoria, apontando para a complexidade dessa noção em tempos de contínuo compartilhamento de fotografias.

Dos rastros deixados pela fotografia nas redes sociais aos rastros que a fotografia constrói: o capítulo 5, *Fotografia rastro: invenções fotográficas sobre Cora Coralina*, assinado por Maria Cecília Conte Carboni, tece através de fotografias que produziu em viagem à Goiás Velho, em julho de 2018, uma rede de indícios da vida da poetisa goiana Cora Coralina.

Também Diogo Azoubel, no capítulo 6, procura construir conexões entre passado e presente pela fotografia. Seu trabalho *Traços de sal: fotografias e histórias* explora imagetivamente a Marcha do Sal, iniciada por Gandhi no estado indiano de Guzerate (Gujarat), em março de 1930, como ato de resistência não-violento ao imperialismo britânico.

No capítulo 7, Paulo César Boni e Cássia Maria Popolin assinam o trabalho *Clic o Seu Amor por Londrina: um projeto plural de documentação fotográfica*, mostrando o potencial de documentação da fotografia. Os autores trazem imagens inéditas que mostram as transformações paisagísticas urbanas e rurais de Londrina no período de 2001 a 2020.

O ato de ver como uma teia de significados constantemente reatualizados é o foco do ensaio fotográfico que Luciano Bernardino da Costa apresenta no capítulo 8, *Espessuras do olhar: percepção, corpo e memória nas grandes cidades*. O conjunto de oito fotografias apresenta delicadas imagens que, como adequadamente descreve o próprio autor, “se perdem enquanto uma sucessão de encontros fugidios, compondo uma ideia de cidade que nunca se sedimenta”.

No capítulo 9, *Fotografia, capital social e identidade em dispositivos móveis*, Rodrigo Galvão de Castro traz uma série de imagens para discutir o uso da fotografia como estratégia para construção de perfil e identidade em redes e mídias sociais, prática denominada pelo autor de “documentário do eu”.

Eduardo Queiroga, no capítulo 10, *Cordão, de inventário a fotolivro: fluxos, discursos e incompletudes*, reflete sobre os limites e aberturas da imagem fotográfica apresentando parte de seu extenso e instigante trabalho fotográfico sobre as parreiras de Pernambuco.

O capítulo 11, *A filosofia das polaridades em Ruy Guerra: Nietzsche, Dionísio, Apolo e o conflito entre a vida e a arte*, é assinado por Eduardo Portanova Barros. O autor toma a dupla nacionalidade de Ruy Guerra como constitutiva de um cinema ambivalente entre as forças dionisíacas e apolíneas, conforme a filosofia trágica de Nietzsche, apresentando esse embate através de retratos deste cineasta que lutou pela independência de Moçambique e pelo Cinema Novo brasileiro.

O fora-de-campo da imagem na linguagem fotográfica é explorado no capítulo 12 por Fábio Magdalena Miceli em *O contracampo fotográfico: o campo neutro da fotografia*. O autor identifica esse espaço deixado de fora no ato do recorte fotográfico, mostrando, através de seu ensaio, como o contracampo constitui mesmo o ponto de vista que sempre acompanha toda fotografia.

No capítulo 13, José Afonso Jr. traz um ensaio composto por sete fotografias, apresentando os resultados de uma pesquisa visual sobre as desigualdades dos espaços domésticos designados no mercado de imóveis como *Suíte master e quarto de empregada* - que é também o título do trabalho.

O livro se encerra no capítulo 14, em que Isaac Antonio Camargo nos apresenta sua pesquisa visual intitulada *Fotopaisagens ou recortes do olhar*. Sem descurar de um percurso de análise da imagem enquanto manifestação sensível, o autor, a partir de um outro ponto de vista, relança a pergunta inicial desse livro: para que servem as imagens? As cinco fotografias por ele apresentadas nos permitem dizer: para construir

realidades. Acrescenta-se, assim a dimensão prognóstica às respostas que todos os autores desse livro de certa forma deram à mesma pergunta, mostrando o quanto a fotografia consegue se apresentar como resultado de pesquisa mantendo também toda a sua capacidade de documentar, de falar do que está ausente, de rememorar, de construir histórias, de construir futuro, de comparar, de denunciar e... de sonhar. Sonhemos com força e com ousadia, pois a partir de sonhos são construídas as sociedades.

Ana Taís Martins Portanova Barros  
(PPGCOM/UFRGS, coordenadora do GP Fotografia Intercom 2019)  
Organizadora